

Pequenos moradores de antigos trens alemães



Ivan estava encantado. Depois de muitos dias de caminhada no frio e com uma fome desesperadora, encontrou um bom abrigo para se esconder e proteger Sergei. Estavam no campo de Ivankovo, na Croácia Oriental, justamente na fronteira entre a Croácia, a Sérvia e a Bósnia. Eram órfãos da guerra da Bósnia e procuravam um lugar onde pudessem sobreviver no inverno.

Ivan era um menino magro e alto, com o corpo um pouco disforme pelo crescimento rápido que tivera entre 10 e 12 anos. Tinha a pele queimada de sol e frio, cabelos claros e lisos, olhos verdes como esmeralda e uma boca bem-feita, com lábios grossos. Quando sorria, duas covinhas apareciam nas faces, reforçando seu jeito infantil.

O abrigo era um vagão todo revestido de madeira escura, com paredes de tecido bege claro e fios dourados fazendo o revestimento das bordas. Os bancos estavam sem os estofoamentos, podendo-se ver, pelos restos existentes, que, originalmente, eram verde-claros, de veludo macio. Havia lustres e armários.

Tudo estava velho e estragado, mas ele era capaz de imaginar a beleza do compartimento e, mesmo no estado em que se encontrava, o vagão ainda era o melhor lugar para se proteger. Jogou-se no banco e sentiu a falta das almofadas imaginadas. Sergei, seu amigo inseparável, gargalhou forte, trazendo-o de volta à realidade.

– Estamos num campo de refugiados e não num trem de luxo – ironizou o amigo.

Sergei era mais novo, baixo e um pouco mais gordo. Estavam sempre juntos nos tempos em que podiam ir à escola. Ele fazia mais sucesso com as meninas, especialmente por ter olhos escuros, uma raridade naquele lugar.

– Pare de rir, não vê que este trem era do comando alemão na Segunda Guerra? – disse com ares de superioridade.

– Vejo. Mas, com mais de cinquenta anos de abandono e sem conserto, ele já está uma verdadeira sucata!

– Nada disso! Vamos consertá-lo e deixar como se fosse novo.

– De que maneira?

Ivan tinha visto, num lugar bem próximo dali, uma hospedaria com muitos lençóis e cobertores pendurados no varal. Já havia pensado que não passariam mais frio. Além disso, vira também uma manta de veludo verde no tom imaginado para o estofado dos bancos.

– Vamos até Vinkovci que teremos tudo o que for necessário. É um bom lugar para encontrarmos estofamentos e tecidos. Se não, bem próximo daqui, há um varal cheio de roupas que podem servir para esse conserto.

– Vamos roubar? – perguntou o pequeno, de olhos arregalados.

– Não, apenas usar o que está sem uso – disse o outro sorrindo.

Sabia que em Vinkovci nada estaria disponível, pois moravam 150 pessoas em dois trens.

– É melhor irmos para Turanj. Aí existem mais possibilidades – afirmou o pequeno Sergei, com ares de sabedoria.

– Como você sabe disso? – perguntou Ivan, espantado.

– Esqueceu que sou sérvio? Fomos os primeiros a ser expulsos e perseguidos. Meus parentes conseguiram autorização para deixar os Bálcãs.

– Já sei, mas não podemos ir de modo algum, o campo está minado e o perigo é muito grande. Além de tudo o que já sofremos, não quero perder um braço ou uma perna.

– Você conhece todos os campos de refugiados onde estão nossos povos? – Sergei perguntou, preocupado.

– Parece que o maior é o de Krajina. Mas a área de maior conflito é Bihac. Fugiram daí em um único dia 40 mil pessoas, pois os conflitos entre as facções muçulmanas do presidente Alija Izetbergovic foram por ele reprimidos com extrema crueldade.

Ivan ficou pensativo. Era muito triste pertencer a um povo de refugiados, sem terra, sem pátria e sem segurança. Mas era pior ainda pensar que os conflitos entre cristãos e muçulmanos produzissem tantos sofrimentos e mesmo a morte.

Achou que Deus deveria gostar muito do sofrimento das pessoas. Quantos deuses existiriam no mundo? – perguntou-se em silêncio. Estava descrente de todos os que conhecia. Não queria mais nenhuma religião, decidiu consigo mesmo.

– Este trem será nossa terra – afirmou. – Vamos fazer dele o melhor lugar do mundo e, se nos atacarem, colocaremos o carro em movimento e seguiremos para a Europa Ocidental em nosso próprio país!

Estava animado imaginando a velha carcaça transformada numa máquina poderosa que seguiria por trilhos pelo mundo afora, sem barreiras e sem fronteiras.

Fazia movimentos como os antigos maquinistas e ria feliz. Sergei aderiu à brincadeira e fazia-se de passageiro balançando o chapéu às pessoas que os observavam nas estações percorridas.

– Mas aqui não cabem todos os sérvios e croatas que tanto amamos. Você sabe que fomos

ligados por muitos anos e esta guerra atual não é aceita por todos os nossos amigos. Lamento tanto perder as relações afetivas que durante anos nossos avós mantiveram! Temos de recuperar nosso chão e reunir nossos amigos, criando novos laços de tolerância – afirmou Sergei.

Ivan ouvia o amigo e pensava em sua maturidade perante os dilemas que estavam vivendo. Tinha a impressão de que ele era muito mais velho quando isso acontecia. Entretanto, sabia que o rumo da conversa iria despertar muitos fantasmas que atormentavam os sonhos do amigo, por isso, mudou de assunto.

Não importa, vamos consertar o trem e depois pensaremos num modo de reunir todos os amigos.

Seguiram os dois com muito cuidado em busca de um varal que tivesse uma manta verde, a responsável pelo entretenimento dos adolescentes por mais alguns meses.

O sonho dos meninos fez com que eles se sentissem vivos e despreocupados. Talvez um dia pudessem participar da reconstrução de seu país e construir um futuro em que a violência não pudesse ter sentido.

FOTO Refugiados instalados em antigos trens de passageiros, campo de Ivankovo, Croácia, 1994.

MAPA n. 5 Refugiados da guerra na ex-Iugoslávia.

LIVROS ALENCAR, Kennedy. *Kosovo – A guerra dos covardes*. São Paulo: DBA, 1999 ■ BAPTISTA, Luiz Olavo. Reflexões em torno de Kosovo. *Panorama da Conjuntura*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 11-13, maio/jun. 1999 ■ BRENER, Jayme. *Tragédia na Iugoslávia – Guerra e nacionalismo no Leste Europeu*. São Paulo: Atual, 1993 ■ COGGIOLA, Oswaldo. *Imperialismo e guerra na Iugoslávia*. São Paulo: Xamã, 1999 ■ VICKERS, Miranda. Entre o sérvio e o albanês – Uma história de Kosovo. *Colúmbia Imprensa Literária*, 1998.

FILMES *Quando papai saiu em viagem de negócios* (1985, Emir Kusturica) ■ *Antes da chuva* (1984, Milcho Manchevski) ■ *Bósnia!* (1995, Bernard-Henri Lévy)

AS LUTAS PELA INDEPENDÊNCIA NA IUGOSLÁVIA

Terminada a Segunda Guerra Mundial, o marechal Josip Broz Tito assumiu a presidência da recém-formada República Popular Federal da Iugoslávia, composta por seis repúblicas: Eslovênia, Croácia, Sérvia, Bósnia-Herzegovina, Montenegro e Macedônia, além de duas províncias autônomas – Kosovo e Voivodina.

Tito instaurou um governo comunista centralizador e nacionalista, conseguindo, até sua morte, em 1980, manter as divergências étnicas da região sob controle. Depois disso, os conflitos étnicos começaram a se tornar incontroláveis. A Iugoslávia passou por uma

crise econômica explicitando as desigualdades existentes entre os países que compunham o território (Eslovênia, Croácia e Sérvia eram mais fortes; Kosovo e Montenegro, mais pobres). Após 1980, o poder tornou-se uma presidência colegiada, composta por um representante de cada república e da província autônoma, mais o presidente da Liga Comunista da Iugoslávia (LCI). Entretanto, em 1990, com a saída dos partidos comunistas da Eslovênia e da Croácia da Liga Comunista, esta renunciou ao monopólio político outorgado pela Constituição. As repúblicas iugoslavas não entraram em consenso sobre quem as presidiria e, nesse contexto, a Eslovênia, a Croácia e a Macedônia, que já tinham sua nacionalidade reconhecida desde 1946, declararam independência em 1991.

O líder do Partido Socialista da Sérvia, Slobodan Milosevic, a favor da reunificação, comandava as tropas federais que respondiam principalmente à Sérvia – em combate contra as regiões separatistas. Daí invadiram a Croácia, ocupando aproximadamente um quarto de seu território (a Eslovênia do leste e do oeste e Krajina, que em 1991 se proclamara República da Krajina Sérvia). Ao final do conflito, Croácia e Eslovênia, ocupada pelas tropas sérvias, estavam independentes.

A GUERRA NA BÓSNIA-HERZEGÓVINA

A Bósnia-Herzegovina seguiu os mesmos passos dos outros Estados, mas, nesse caso, o conflito com as forças sérvias foi mais sangrento. Sarajevo (capital da Bósnia) abrigava comunidades de croatas e de sérvios ortodoxos, em meio a uma maioria muçulmana (40% de muçulmanos, 37% de sérvios e 21% de croatas). Com a criação da Iugoslávia, sob hegemonia sérvia, os bósnios muçulmanos que não eram sérvios nem croatas passaram a ser tratados como eslavos de fé islâmica.

Em 1990, os bósnios elegeram presidente o muçulmano Alija Izetbergovic, procurando não entrar em conflito com sérvios e croatas e respeitando a liberdade religiosa. Os bósnios aprovaram a independência do país, mas o líder sérvio Slobodan Milosevic já preparava suas tropas para impedir a total autonomia do território. Ocupou a região da Bósnia, uma vez que grande parte da população sérvia estava concentrada na área rural e os muçulmanos na área urbana. As tropas muçulmanas, mesmo aliadas aos croatas, não eram tão fortes quanto seu oponente, o que rendeu um ano de cerco sérvio na Bósnia. A população faltavam alimentos, medicamentos, situação que o rigoroso inverno agravava ainda mais.

A notícia de que os sérvios estavam praticando a “limpeza étnica” contra os muçulmanos surgiu em 1992. De fato, os sérvios criaram 41 campos de concentração, onde foram “recolhidos” milhares de muçulmanos croatas e bósnios. A ONU propôs acordos de paz entre as partes, mas as propostas se mostraram ineficientes.